

economia

A rica história do comércio de Porto Alegre

Resgate das décadas prósperas a partir da chegada de italianos, alemães, portugueses e judeus marca aniversário da Capital

Cássio Fonseca e Jamil Aiquel
economia@jornaldocomercio.com.br

A Capital dos gaúchos completa 254 anos hoje, mas a verdade é que, para que ela fosse fundada, o comércio varejista que hoje conhecemos como as áreas da Praça da Alfândega e da Rua da Praia já estava a todo vapor desde 1752, 20 anos antes da criação da Vila da Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, o primeiro nome da cidade. Essa história de origem ocorre com a chegada dos conhecidos 60 casais açorianos – leia-se famílias –, que foram impedidos de seguir para seu destino, as Missões, por conta da Guerra Guarânica, e por aqui ficaram.

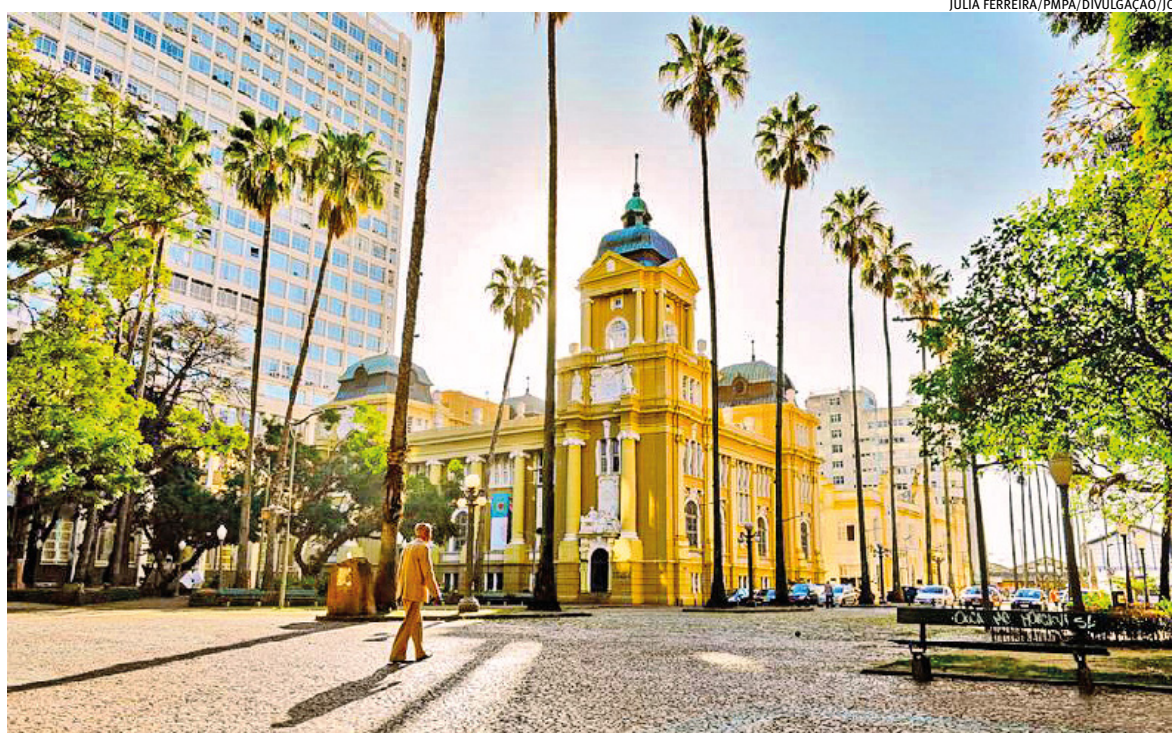
Neste período, em uma região composta ainda por agricultores e escravos, esses comerciantes portugueses se firmaram como a elite local, já que eram donos de armazéns e embarcações e eram responsáveis pelo abastecimento de gêneros de primeira necessidade, ferramentas e artigos de couro, conforme explica a historiadora Suzana Schilling. Ela conta que o “termo varejo provém da vara de madeira usada pelos retalhistas para medir e, posteriormente, cortar os tecidos e vendê-los em pequenas peças ou retalhos e não

por atacado, ou a grosso, como era dito”.

Em 1772, já instalados, receberam os primeiros lotes oficiais de terra do governo. As grandes casas comerciais e residências de comerciantes afortunados, então, ficaram na rua Voluntários da Pátria, que despontava como uma zona nobre daquele pequeno município.

E para seguir com o desenvolvimento, o governo passou a definir quem faria as funções de gestão e governança da cidade. E as pessoas mais qualificadas para assumir posições políticas, até então, eram os bons comerciantes. “Eles eram convidados, mas não podiam recusar, a exercer funções públicas”, destaca Suzana. Logo na sequência, com a crescente do varejo e da organização política, vem a segunda grande chegada ao Rio Grande do Sul: os alemães, em 1824.

A dinâmica, ao longo dos anos, passa por algumas mudanças. Os germânicos pegam essa produção e começam aos poucos a montar pequenos comércios, que também vão abastecendo a região. E prosperam além da agricultura, se firmando principalmente na venda de secos e molhados, artigos para a colônia, produção de cerâmicas para as elites e ferramentas para os próprios agricultores.



Comércio na Praça da Alfândega começou 20 anos antes da fundação da Capital e impulsionou a região

E já na Capital, as próximas gerações de gaúchos descendentes de alemães frequentam melhores escolas e vão crescendo ainda mais. Em 1858, enfim, surge a Praça do Comércio, que hoje se chama Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), primeira organização com ênfase em potencializar os comerciantes, agora unidos. “Eles enfrentavam os mesmos problemas e tinham as mesmas expectativas. E começam pequenos, com apenas nove associados, mas vão crescendo”, conta

Suzana. Com a ascensão, passam a precisar de uma sede, e conseguem o terreno próximo da Voluntários da Pátria, que segue até hoje. “A associação não tinha dinheiro para construir um prédio, mas Getúlio Vargas ajudou. Eles pedem se seria possível fazer um pequeno imposto sobre tudo que é comercial, importado ou exportado, e essa taxa é aceita. Com esse dinheiro eles conseguem iniciar as obras”, completa, sobre a história da ACPA, impulsionada pelos descendentes de portugueses e

alemães. Outra etnia influente na economia porto-alegrense foi a italiana, cuja imigração começa em 1875, mas não foi impactante logo de cara. A primeira leva é voltada a produção na Serra, sem grande número na Capital, que ficou com alguns comerciantes. Com essa expansão em duas frentes – varejo italiano e indústrias –, a Capital viveu décadas prósperas. E recebeu, depois, os judeus, que começam a vir para cá fugindo de perseguições e pelas dificuldades econômicas que passavam.

Anos 1980 marcaram a expansão e a reconfiguração da geografia urbana

Se nos primeiros séculos a Rua da Praia e a Voluntários da Pátria eram destinos quase exclusivos para as compras na Capital, as últimas décadas do século XX iniciaram uma profunda reconfiguração dessa geografia urbana. A partir dos anos 1980,

com a inauguração de grandes empreendimentos fechados – como o Shopping Iguatemi –, o varejo passou a se espalhar, oferecendo uma nova infraestrutura que atraiu fortemente o consumidor ao reunir lojas, serviços de saúde, alimentação e entreteni-

mento em um só lugar. Simultaneamente, os bairros periféricos começaram a se estruturar de forma autônoma.

Arcione Piva, atual presidente do Sindilójas Porto Alegre, ilustra bem essa transformação vivida nas últimas décadas. “Lembro de quando eu vim morar em Porto Alegre, em 1980. Se eu precisasse comprar um botão de camisa ou um aviamento, tinha que sair do Sarandi e ir ao Centro. Hoje eu não precisaria mais sair do Sarandi. A cidade foi crescendo e se estruturando nas suas periferias”.

Essa diluição do comércio físico tirou parte da exclusividade da região central. Com o tempo, as lojas de alto padrão migraram para os shoppings e para bairros mais nobres, como o Moinhos de Vento, alterando o perfil do Centro Histórico.

Mas, apesar da concorrência de outros bairros, o Centro se manteve como o coração do varejo portoalegrense até ser atingido por um de seus maiores desafios contemporâneos: a pandemia de Covid-19. O isolamento social e a adoção massiva do trabalho em formato home office esvaziaram os escritórios da região central, alterando drasticamente o fluxo de pedestres.

“Onde tem pessoas circulando, têm varejo. Onde não tem pessoas circulando, dificilmente o varejo acontece. Ele precisa desse movimento, e a pandemia mudou esse cenário diminuindo a quantidade de pessoas no Centro”, explica Piva.

Além do impacto do trabalho remoto, a capital gaúcha enfrenta um encolhimento demográfico. Segundo Piva, a cidade vem perdendo população econômica-

mente ativa, caindo de cerca de 1,5 milhão de habitantes em 2010 para a faixa de 1,3 milhão atualmente. Muitos moradores mudaram-se para cidades da Região Metropolitana ou para o litoral. Essa redução de público, somada aos reflexos de crises climáticas recentes, como as enchentes, resultou no fechamento de diversas lojas de rua em vias tradicionalmente comerciais de Porto Alegre. Ainda assim, o coração da cidade sobrevive, adaptando-se a um novo público consumidor. “O centro ainda é a maior concentração de negócios de Porto Alegre, mas mudou muito”, observa o presidente do Sindilójas. “Tinha, no passado, muito glamour e marcas muito importantes. Isso perdeu um pouco. Hoje nós temos muito mais trabalhadores da base do que executivos pelo Centro.”



Chegada do primeiro shopping ajudou a movimentar o setor varejista